



REVISTA DE
TEATRO E OUTRAS
ARTES

ENCARTE VISUAL

Apresentação

Esse ensaio visual é uma reflexão por meio de fotografias de um solo de dança inspirado na Pomba gira Maria Farrapo do médium-pesquisador Maciel Ferreira.

Por meio de uma metodologia autoetnográfica, buscou-se apresentar inicialmente o percurso em que o solo aconteceu, como provocação e como uma estratégia de desmistificar o equívoco que existe na depreciação com a figura da pomba gira em Alagoas, entidades mulheres que são as “princesinhas do congá”.

Título: Entre trapos e farrapos
Autor/a/e: Maciel Ferreira de Lima

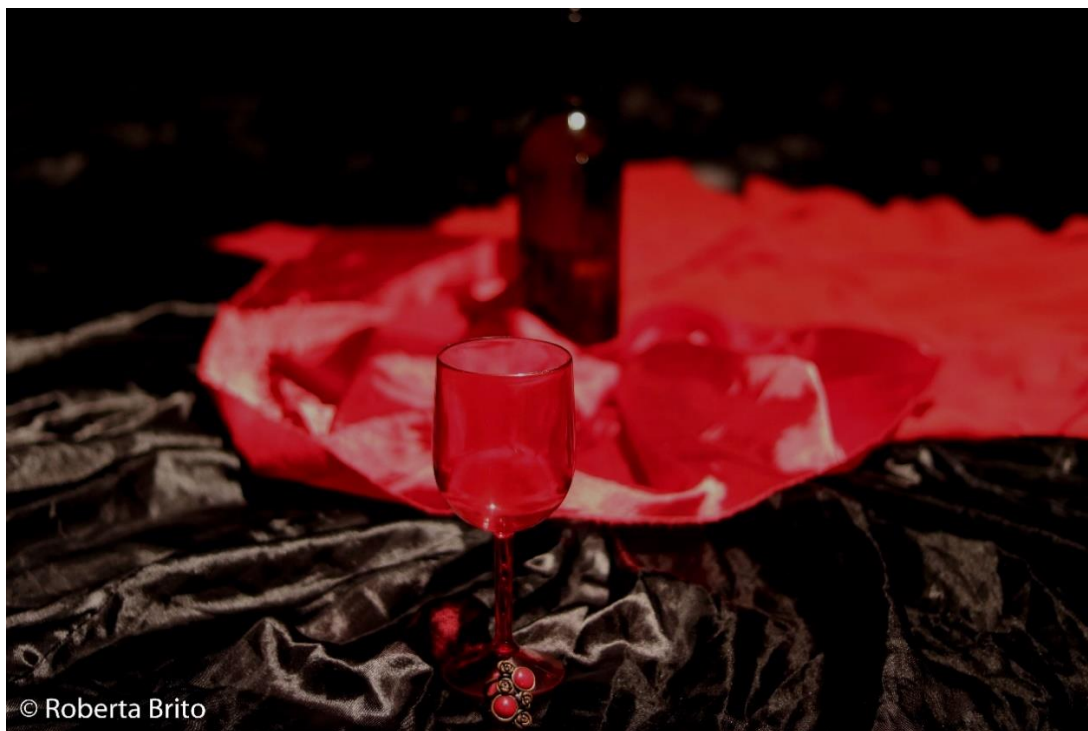
Santana do Mundaú - AL, São Paulo, Paulínia – SP, Mato Grosso do Sul, Três Lagoas – MS e Maceió – AL. Esses espaços com seus cheiros, suas arquiteturas, seus rituais, seus corpos, suas distâncias, seus deslocamentos e seus climas foram essenciais na construção do espetáculo com viés performático intitulado Eu, Farrapo! Gestado em 2019 como resultado da disciplina de Montagem Cênica do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Homossexualidade, Casamento, Separação, Candomblé, Umbanda, Pomba gira, Dança, Lágrimas, Dores, Sexo, Afetividade, Depressão, Graduação, Expulsão, Livros, Leituras, Caminhadas, Vela, Saias, Vinho, Cigarro, Padê, Gargalhadas, Voz, Medo, Desespero... Esses são os FARRAPOS que serviram de base para a construção e criação corporal de um solo de dança que vislumbra a desmistificação da pomba gira fora dos terreiros de Candomblé e Umbanda.

Sou iniciado no Candomblé Nagô traçado com Umbanda em um Terreiro que fica situado na periferia da parte alta de Maceió, no conjunto Village Campestre II, na famosa rua das Canas. Nas primeiras escutas sobre essa religião de matriz africana, Exu e Pomba gira eram narrados numa perspectiva negativa, assustadora, quando na verdade suas atuações gestuais e corporais visam mediar a comunicação entre os Orixás e nós, meros mortais. Os catiços, (povo de rua) não são escravos dos Orixás, são seus mensageiros, incumbidos de manter a comunicação em todas as instâncias. O medo que paira sobre eles parte de um racismo religioso que inibi, exclui e mata pessoas que professam sua fé fora de um padrão euro-ocidental.

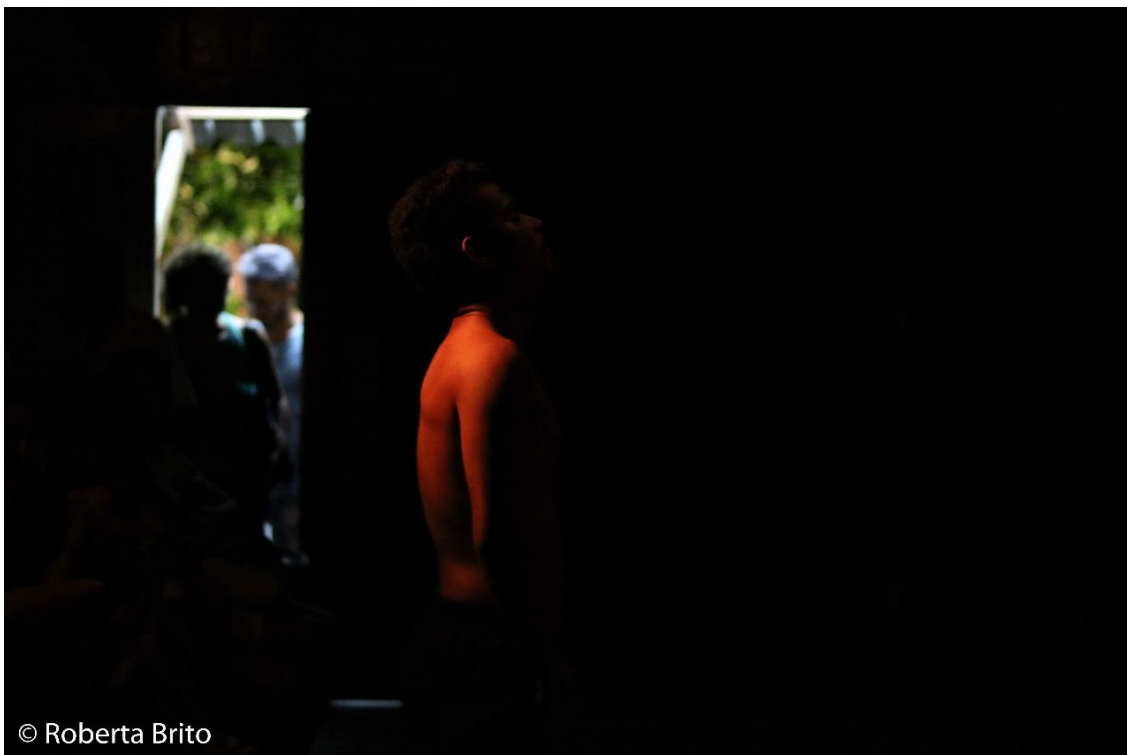
Sou médium de incorporação e artista-pesquisador e o maior desafio encontrado ao insistir na corporalidade de pomba gira, numa perspectiva artística, ancorada no meu corpo, exigia-me uma atenção e um cuidado com a utilização de ações corporais religiosas de Maria Farrapo em mim. Esse cuidado aconteceu e acontece na sua naturalidade e amadurecimento na vivência afro alagoana. Ainda que seja apresentado como um solo de dança, sabe-se que não é, Farrapo vive em mim, e por isso, não danço só.

Esse ensaio visual tem o olhar sensível e artístico de Roberta Britto, fotógrafa e estudante de Teatro da Ufal. Teve como professora responsável a professora Kamilla Mesquita. Estreou em 2019, no evento acadêmico intitulado “Rastros em Cena” em que houve apresentações artísticas do curso de Licenciatura em Dança da Ufal. As fotos selecionadas traduzem não só a apresentação de um espetáculo de dança, evidencia também, a potencialidade artística que os Terreiros de Candomblé e Umbanda, bem como sua juventude são capazes de realizar/produzir.



© Roberta Brito

**Hô Farrapo aonde estás que não houve meu chamado? Tava na vida, tava na luta,
tava no cabaré, no cabaré das Putas!**



© Roberta Brito

Larauê Larauê, eu quero vê você!



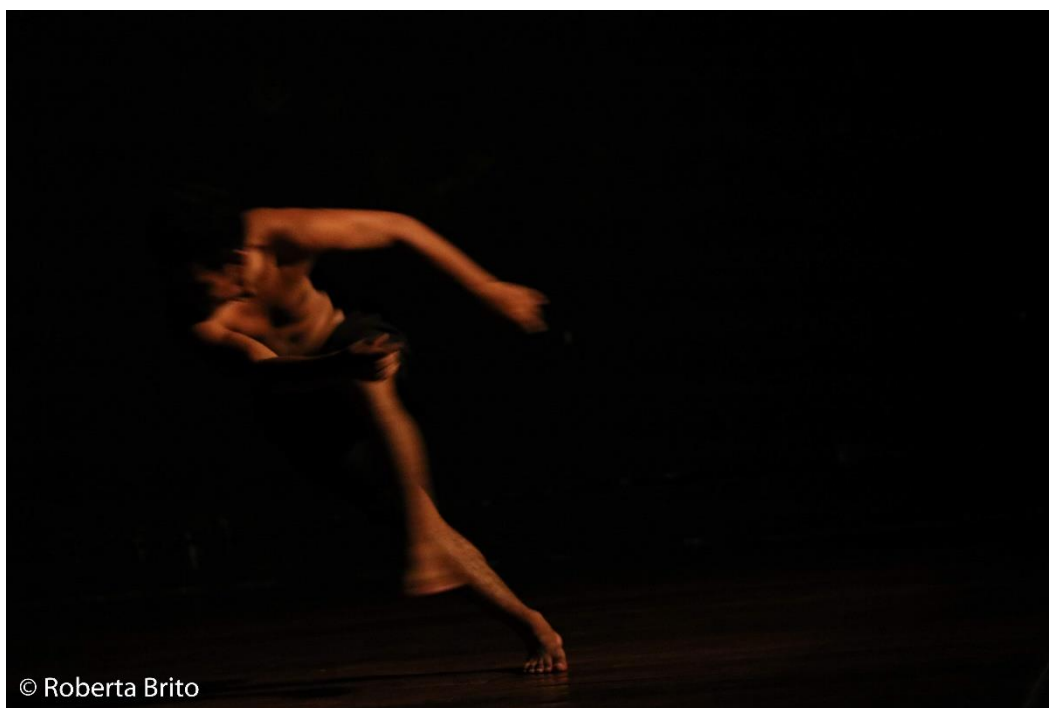
© Roberta Brito

Na pouca luz é possível ver um corpo que se prepara para a incorporação....



© Roberta Brito

...caminhada lenta que se transforma numa corrida na encruzilhada...



© Roberta Brito

Essa corrida na encruzilhada chega no limite do cansaço, ofegante...



© Roberta Brito

**Paro na frente dessa vela, assumo o descanso. Ao olhar a vela, reflexões! Uma delas?
Preciso descansar...**



Permito me sentar em cena... O público acompanha atentamente o descanso do corpo, a calma que se aproxima até ficar totalmente descansado...



E brinco... com a chama de fósforos...



Com a chama do fósforo, o corpo molhado em suor... permito que as imagens falem... e acendo a vela...



A chama da vela tem seus significados no ritual, no espetáculo provocaram dor... Ao pingar a vela no meu corpo, senti dores, que se pude sentir como um refúgio dos meus fracassos, e como a conquista dos meus levantes...



Caminho com a vela até a saia e começo o ritual de me vestir... uma ação tão simples e rica em detalhes...



Ao me vestir, vou cantando baixo, aumentando a voz gradativamente...



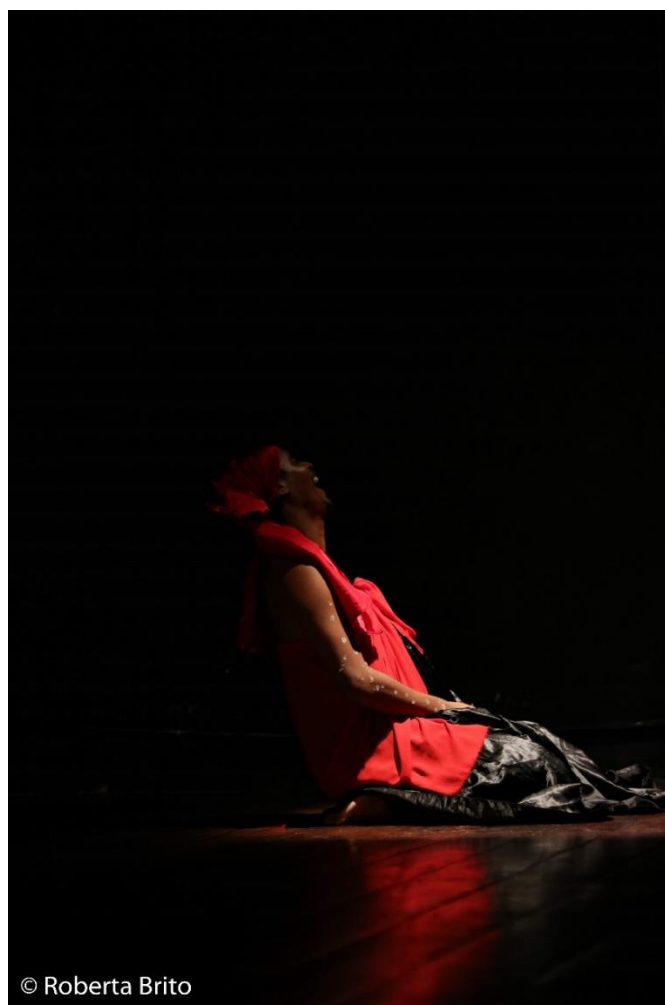
Na encruzilhada, ela é uma rainha, é uma dama ao romper da madrugada...



Ela não tem amor, ela não tem xodó, ela não tem roupa seu moço... é Farrapo só...



E após a incorporação, ela canta...



**Madrugada linda/ que ilumina a estrada/ de Maria Farrapo/ noite de solidão/coração
vazio/ amargurado de paixão/ andou pelo mundo a fora/ querendo só ser amado/
desilusão doce senhora/ desabrochou/ rainha da madrugada/ em cada corpo
gargalhadas/adeus Maria/ amargurada/agora mais amada/ de alma e roupas surradas...**



Quem foi que disse que meu trapo não é de lei? Trapo é trapo eu sou farrapo eu sou mulher de um grande rei/cacos de almas/destroços de coração/remendando minha vida/minha sina/minha missão, madrugada...



E no final, a pomba gira vai embora e ela vai sozinha, vai pedir a Oxalá para abrir nossos caminhos...

DIDI-HUBERMAN, Georges (Org). Levantes. São Paulo: Edições Sesc, 2017.

BACHELARD, Gaston. A chama de uma vela. Editora Bertrand Brasil S.A. Rio de Janeiro - RJ - 1989.

CARVALHO, Nelson Luiz de. O Terceiro Travesseiro. Editora Edições GLS. São Paulo - SP – 1998.

CASTRO, Mônica de. O preço de ser diferente. Editora Vida e Consciência. São Paulo - SP. 2004.

NASCIMENTO, Rangel Ferreira Fidelis do. Olhar as moças nos gongáres: Notas para compreender a luta pela definição da Imagem da pomba-gira em Candomblés e Umbandas em Maceió-AL (Monografia em Bacharelado em Ciências Sociais) – Ufal, 2019.